

# *Paulo de Tarso*

*Grego e Romano, Judeu e Cristão*

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,  
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

# OS ACTOS APÓCRIFOS DE PAULO E TECLA: ASPECTOS DA SUA RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO

CLÁUDIA TEIXEIRA  
Universidade de Évora

*Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra*  
*Centro de História da Universidade de Lisboa*

O texto conhecido pela designação de *Actos de Paulo e Tecla* ou simplesmente *Actos de Tecla*, que narra a vida de uma das mais veneradas santas da Antiguidade cristã, constitui-se como um dos mais acabados exemplos das vicissitudes associadas à transmissão textual. Embora parte integrante dos *Acta Pauli*, a estrutura episódica desta obra permitiu que o segmento que compõe o episódio de Tecla tivesse circulado, na Antiguidade, como um texto autónomo e só a descoberta, já no século XX, de uma manuscrito copta com o texto integral dos *Actos de Paulo* restabeleceu a condição original do texto como parte integrante de uma obra maior. Ao desenraizamento do texto original acresce ainda o problema da existência de mais cinco lendas que contam a perseguição de Tecla, que apresentam divergências pontuais, mas significativas, no tocante ao tempo, ao espaço e às figuras que intervêm na história, sem que nenhuma destas lendas, mesmo as duas que situam Tecla no século I, a descrevam como convertida e companheira de Paulo.<sup>1</sup> E a este problema acrescentam ainda as suspeitas relativas à fidedignidade histórica e doutrinal do texto, facto que o levou, em um primeiro momento, ao banimento do cânone e, mais tarde, no final do século V, à classificação de apócrifo pelo *Decretum Gelasianum*.<sup>2</sup>

O primeiro traço que podemos associar à recepção, no espaço da Antiguidade, da história de Tecla,<sup>3</sup> que, em linhas gerais, narra o combate de

---

<sup>1</sup> Vide Boughton, 1991, 365.

<sup>2</sup> *Liber qui appellatur Actus Theclae et Pauli – apocryphus*.

<sup>3</sup> A história narrada pelos *Acta Theclae* passa-se na Ásia menor. Paulo encontra-se numa das suas viagens evangelizadoras. Numa casa contígua àquela em que pregava, Tecla ouve-o e, incapaz de se desprender dessa audição, passa vários dias sem comer, nem beber. A mãe convoca o noivo da jovem e dá-lhe conta do fascínio da filha por Paulo. Este acusa-o ao prefeito. Levado para a prisão, é visitado por Tecla, que consegue escapar de casa durante a noite, atitude transgressora das normas do bom comportamento feminino. A família dá-se conta do desaparecimento, surpreende-a junto a Paulo e informa o prefeito (a acusação é estereotipada: Paulo ensina uma nova crença e é cristão). No dia seguinte, Paulo é expulso da cidade e Tecla é condenada à fogueira. A pira é acesa no teatro, mas a chuva extingue o fogo e a jovem é salva. Fruto de um acaso, Tecla encontra-se novamente com Paulo e seguem juntos para Antioquia, onde um certo Alexandre se enamora dela. A jovem rejeita-o e este denuncia-a ao prefeito. Tecla é condenada *ad bestias*. Afirmando querer permanecer na pureza até à morte, é colocada à guarda da rainha Trifena, prima do imperador [Cláudio]. No dia marcado para a execução, a jovem é trazida para o teatro, mas a leoa que a deveria devorar, não a ataca. No dia seguinte, exposta novamente às feras, é defendida por uma leoa. Enquanto novas feras eram trazidas

uma jovem mulher para manter a integridade e a fé, resulta da desuniformidade do seu acolhimento: se o Oriente cristão mantém vivo o texto e a vida de Tecla com carácter de exemplaridade, no Ocidente cristão a atenção dada a Tecla e o peso da sua biografia são meramente perfunctórios.<sup>4</sup> Reconhecida sobretudo pelo exemplo da sua virgindade, acaba, de certa forma, até neste aspecto, secundarizada pela concorrência de Inês, uma virgem de Antioquia martirizada na arena. Pelo contrário, na Ásia Menor, a sua importância foi maior.<sup>5</sup> Além de ter florescido um culto activo em torno da Santa e de o local da sua sepultura se ter tornado um centro de peregrinação, também na literatura, sobretudo de pendor ascético, Tecla viria a ocupar um lugar destacado. Só para citar alguns exemplos, quando Egéria visita Selêucia, ouve os *Actos* completos de Tecla (23.26: *et lectio omni actu sanctae Teclae*),<sup>6</sup> o que atesta a circulação da obra; e, embora, no início do século IV, Eusébio tenha listado estes *Acta* entre os livros apócrifos, Metódio de Olímpia faz de Tecla uma das figuras principais do seu *Symposium decem virginorum*, uma obra dialógica, na qual dez personagens femininas discutem o tema da virgindade;

---

para a arena, Tecla baptiza-se. As mulheres que se encontravam no público enchem-se de simpatia pela jovem. As feras, trazidas de novo, em vez de a atacarem, adormecem aos seus pés. Como último recurso, é atada a dois touros selvagens, mas um fogo providencial queima as cordas e ela escapa à fúria dos animais. Os jogos são interrompidos e Tecla é libertada. A jovem afirma publicamente a sua dedicação a Deus, declarando-se sua serva. Liberta das suas dificuldades, disfarça-se de homem para procurar Paulo. Quando o encontra, conta-lhe todas as suas aventuras, incluindo o auto-batismo no teatro. Depois, declara a intenção de voltar a Iconóio. Paulo responde-lhe com estas palavras: «vai e ensina aí os mandamentos de Deus». Tecla regressa a Iconóio, onde reencontra a mãe. Depois parte para Selêucia, onde, após uma vida dedicada a iluminar muitos com a palavras de Deus, «adormeceu».

<sup>4</sup> Hayne, 1994, 210, observa: «This is particularly evident in the case of Ambrose, who of all churchmen should have been most enthusiastic, for the comparatively new and extremely large and expensive cathedral in the heart of Milan was dedicated to St. Thecla, the city's patron. He refers to it as simply the *basilica nova, hoc est intramurana, quae maior est* (...), but there is no reason to think it was not Thecla's church in his time. This basilica, which remained the cathedral of Milan until 1461, had naturally been the seat of Ambrose's predecessor, the Arian bishop Auxentius. We can only speculate as to why Thecla became the patron saint. It is tempting to suggest she came west with Auxentius, the Cappadocian appointed to Milan in 355 from Alexandria. Krautheimer has suggested, however, that her cathedral was started between 345 and 350 under Constans and completed, perhaps hastily, in time for the Synod of Milan in 355. Auxentius became bishop only after Dionysius' deposition at that Synod. It may be, however, that the dedication to Thecla was thanks to the new bishop. It certainly fits an eastern origin. If so, it helps to explain Ambrose's actions. He successfully defied an imperial order to surrender the basilica to the Arians, but his later building activities were surely linked to his desire for Catholic churches that had never been contaminated by heresy. Martyrs' relics were naturally needed, and his discovery in 386 of the bodies of Gervasius and Protasius, followed immediately by healing miracles, must have gone a long way to upstage Thecla's cathedral. Ambrose in fact was buried with them in the church that later bore his name, not in the cathedral.»

<sup>5</sup> Vide Hayne, 1994, 209-218.

<sup>6</sup> Mariano, 1998.

e Gregório Nazianzeno<sup>7</sup> alude às provações de Tecla (a salvação do fogo e das feras, a fuga do noivo tirânico e da mãe cruel) e enumera-a entre aqueles que combateram por Cristo. Além disso, também a consideração do valor cultural e doutrinal do texto apresenta oscilações importantes, na medida em que a sua recepção testemunha e opõe, simultaneamente, a enorme popularidade que o exemplo de Tecla adquiriu entre as massas e o desconforto de alguns teólogos relativamente a aspectos indiciados pela narrativa e de que são exemplo o ascetismo, que alimentará a controvérsia da ortodoxia com algumas tendências heterodoxas, o papel activo de Tecla, comissionado por Paulo, na pregação da palavra, e o baptismo. E são precisamente as últimas questões que suscitam não só uma das primeiras reacções documentadas, hostis à história, como também a suspeita de apocrifia do texto. Tertuliano, em um contexto de combate à proclamação herética, que legitimava o direito de pregar e baptizar por parte das mulheres, traz à colação a história de Tecla,<sup>8</sup> que considera uma invenção de um presbítero da Ásia Menor, deposto por heresia do seu cargo na Igreja por ter forjado os seus *Acta* e criado uma falsa visão relativamente ao papel das mulheres na Igreja,<sup>9</sup> de resto contrária à definida na *Primeira Epístola a Timóteo* (2,11-15), de cujo sentido decorria a proibição de ensinarem:

«A mulher receba a instrução em silêncio, com toda a submissão. Não permito à mulher que ensine, nem que exerça domínio sobre o homem, mas que se mantenha em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido mas a mulher que, deixando-se seduzir, incorreu na transgressão. Contudo, será salva pela sua maternidade, desde que persevere na fé, no amor e na santidade, com recato.»

Não obstante os seus traços polémicos, a história de Tecla continua a fazer o seu caminho<sup>10</sup> e, desse percurso, talvez o aspecto mais significativo seja –

---

<sup>7</sup> Além disso, associa Tecla com a ortodoxia religiosa, ao comparar o passado gloriosos da cidade à sua decadência presente, onde dominavam arianos. Vide Hayne, 1994, 212-213.

<sup>8</sup> Tertuliano, *De Baptismo* 17: *Petulantia autem mulieris quae usurpavit docere utique non etiam tinguendi ius sibi rapiet, nisi si quae nova bestia venerit similis pristinae, ut quemadmodum illa baptismum auferebat ita aliqua per se [eum] conferat. Quod si quae Acta Pauli, quae perperam scripta sunt, exemplum Theclae ad licentiam mulierum docendi tinguendique defendant, sciant in Asia presbyterum qui eam scripturam construxit, quasi titulo Pauli de suo cumulans, convictum atque confessum id se amore Pauli fecisse loco decessisse. quam enim fidei proximum videtur ut is docendi et tinguendi daret feminae potestatem qui ne discere quidem constanter mulieri permisit? Taceant, inquit, et domi viros suos consulant.*

<sup>9</sup> A história de Tecla, desencorajada do matrimónio e encorajada a ensinar a palavra de Deus, revela, entre outras, tendências Montanistas e Gnósticas e constituía-se como exemplo de legitimação para muitos cristãos (por exemplo, para os cristãos de Alexandria) do facto de as mulheres poderem ensinar e baptizar.

<sup>10</sup> Goodspeed, 1901, 190: «The popularity of this singular romance is well attested and easily

provavelmente fruto de *contaminatio* lendária<sup>11</sup> – a reinvenção da sua morte: se, nos *Actos*, Tecla morre calmamente depois de uma vida de pregação, essa morte não deixa de conviver com a tradição do martirologio, que a faz morrer na arena, juntamente com outros cristãos. A esta disparidade juntam-se as evidências da cultura material: ao sepulcro de Selêucia, que apoia a referência à sua morte pacífica, corresponde, por sua vez, um sepulcro em Roma, que atesta uma Tecla martirizada<sup>12</sup>.

Os estudos recentes fazem eco dos problemas antigos, mas recontextualizam as soluções. São as circunstâncias e a intencionalidade da produção dos *ATh*, o papel social das mulheres na História da Igreja, a indagação das tensões que levaram à apocriofidade do texto e, sobretudo, a relação dos *Acta* com os textos canônicos que ocupam os especialistas. E as soluções que apresentam, relativas às questões elencadas resultam, em grande parte, da classificação literária do texto.

Desautorizadas classificações, de certa forma, duvidosas, como as de que os *Acta* teriam um género similar aos antigos hinos aretológicos, aos contos fantásticos de viagens, ou ainda à literatura de matéria pouco edificante, já a classificação do texto como *romance* e como narrativa da *literatura tradicional* parecem mais consentâneas com a sua tessitura narrativa, não obstante estas

---

understood. Its early separation from the parent Acts of Paul, the selection of it by Tertullian as an object of attack, and its translation, as a separate work, into many languages, illustrate its popularity; and in times when the celibate life was growing in popular favor, when marvelous martyrdoms were increasingly in demand, and when old men and maidens were the favorite figures among Christian confessors, popularity for a work like the *Acts of Paul and Thecla* was natural and inevitable. »

<sup>11</sup> Boughton, 1991, 381-382, observa: «That the author of the *Acts of Paul* may have applied such techniques in developing the Thecla story is suggested by another *acta* that featured one of the other three martyrs. In the “Acts of Agapitus”, a work composed. If historical elements are present in the Thecla episode beyond the names and paraphrases of first-century documents, they would most likely be found by comparing the episode with other legends and hagiographies involving a person named Thecla. Eusebius, for example, tells the story of a Thecla who he believed was martyred in 304. According to Eusebius’s report, three people, Thecla, Timothy, and Agapius, were arrested in a general persecution of Christians. Timothy, a bishop, was burned to death. Thecla was killed by animals. Agapius, though sentenced to death was detained in prison for two years. After completing the prison term, Agapius was offered clemency if he would sacrifice to the gods. He refused and was sent to the arena where he was mauled by a bear. Having survived this torture, Agapius was executed the next day by being drowned in the sea. The historical details and methods of persecution suggest an event that took place not in the fourth century but during Trajan’s reign (98-117). Nevertheless, in Eusebius’s simple account, it is not Thecla but one of her male companions who experiences a stay of execution, survival of a con-test with a bear, and a providential “baptism” in which death by immersion assures eternal life. Thecla’s glory, like that of the two men with whom she was arrested, lay in martyrdom. It is possible that this early second-century execution was the historical event, or legend, from which the author of the Acts of Paul selected the name of Thecla, attributed to her alone the tribulations of all three martyrs, and worked the story into an account of the life of Paul.»

<sup>12</sup> Vide Boughton, 1991, 365.

duas classificações subentenderem intencionalidades narrativas distintas, que geram entendimentos doutrinários e culturais distintos: a opção pelo romance situa o texto em uma espécie de grau zero, no tocante aos problemas do contexto intelectual e das controvérsias teológicas que, supostamente, lhe subjazem; a opção pela sua classificação no âmbito da ‘literatura tradicional’, pelo contrário, configura-os como peça *séria* da literatura religiosa e, por consequência, com traços de fidedignidade histórica e doutrinal.

A classificação dos *AA* como romance resulta da proximidade de temas, de caracteres, de estrutura narrativa, de cenas típicas e de ambiente cultural em relação ao romance helenístico. Quer romance grego, quer os *Acta Theclae* desenvolvem, em comum, temas simples e universais, de acordo com o padrão narrativo das histórias de amor, que liga, como pólos opostos, a separação/tribulação e a salvação. As suas figuras principais são idealizadas e mantêm padrões elevados de castidade, de piedade e de amor. O herói, um jovem cidadão, virtuoso, casto e carismático, apresenta, por vezes, traços semelhantes aos da divindade. A heroína configura-se como uma figura de estrato social elevado, de beleza superlativizada e de carácter nobre. O desenvolvimento da acção impõe severos desafios à sua castidade e fé. O conflito desenvolve-se por meio de uma série de aventuras, frequentemente cíclicas e repetitivas, que culminam em um julgamento ou em cena de reconhecimento, às quais se segue um rápido desenlace, que termina com a condição final da salvação. Neste momento, os heróis, no romance grego, adquirem a sua plena identidade através do amor que sentem um pelo outro; nos *Actos Apócrifos*, o apóstolo adquire identidade final juntando-se a Cristo no martírio, enquanto a heroína encontra a sua identidade no amor de Jesus e na vivência de cristã ideal<sup>13</sup>. À narrativa juntam-se ainda personagens secundárias, em ambos os casos tipificadas em parentes ricos (*ATb.* 29), multidões simpatéticas (*ATb.* 21, 27, 32, 38), classes baixas não sofisticadas (*ATb.* 64), um fiel companheiro do herói (Onesíforo), rivais sem escrúpulos (Alexandre).

Se *ATb* e romance grego evidenciam similitudes, quer no desenho dos protagonistas, quer na escolha dos métodos usados no tratamento das personagens e dos seus valores, também não deixam de ecoar um mundo construído literariamente da mesma forma, evidenciado no recurso às mesmas cenas típicas: a prisão, que acentua a relação entre os caracteres, unindo-os no mesmo estado de mente, cria o *pathos* ou tensão dentro da história, que reivindica a simpatia por parte do leitor em relação às personagens; os tribunais públicos nas cidades, que reflectem o *ethos* das personagens que os frequentam; os julgamentos melodramáticos, cheios de acusadores imorais e de espectadores que manifestam a sua compaixão e apoio em relação à inocência

---

<sup>13</sup> Vide Longstreet, Shaun, 1994. Veja-se igualmente o capítulo 3º sobre as semelhanças entre *Acta* e romance grego, das quais se apresenta, em seguida, uma breve resenha.

dos acusados; a tentativa de execução da heroína ou do herói; tentativas de sedução, fugas com ajuda do divino; e finalmente, o regresso a casa. Em síntese, quer Romance, quer *ATh* contam uma viagem, simultaneamente espacial e espiritual, por meio de uma narrativa simples, com uma linguagem estilizada e emotiva, que convoca o comprometimento emocional do leitor.

Também no tocante aos aspectos divergentes – erotismo e casamento –, facilmente se entende que o elemento erótico, associado ao amor romântico, é deslocado, nos *ATh* para o amor associado à conversão, em uma espécie de refinamento do amor profano que domina o romance; e que o problema do papel do casamento e da vida familiar, suporte central e social do romance grego, adquira a sua recontextualização na participação dos heróis em um novo conceito de família, fundada na casa (*oikos*) de Deus. Modificação relativamente semelhante sucede com o elemento aleatório, que determina que o padrão das aventuras vividas pelos protagonistas do romance grego se estabeleça como uma sequência de acontecimentos que, genericamente, se podem topicalizar na oposição *perigo/salvação*. Assim, à *Tyche*, que se assume como elemento dinâmico que favorece e determina esse padrão, corresponde, neste novo contexto, uma espécie de *Tyche* cristianizada, ou seja, a Providência divina.

A classificação dos *Actos de Tecla* como *romance* tem implicações na consideração da sua matéria. Assumindo como objectivo principal o entretenimento do leitor, convidado simpateticamente a entrar na narrativa, a identificar-se com os protagonistas, a partilhar os seus medos e aspirações, a experimentar as suas emoções, em uma jornada de edificação espiritual, os textos não necessitam de representar elementos históricos precisos. Personagens, acontecimentos e mundo circundante, porquanto idealizados, revelam-se mais ajustados à transmissão das preocupações humanas universais ou do universal humano do que com assuntos históricos e culturais específicos. Assim, os *ATh* constituir-se-iam mais como um texto informativo sobre o estado de mente do primitivo cristianismo do que da situação histórica de um grupo ou de uma comunidade específica. O uso da estrutura do romance, independentemente dos ecos do debate teológico, perceptíveis da leitura dos textos, que evidenciam laços entre ortodoxia e heresia no movimento dos primeiros cristãos, permitiria apenas, no dizer de Judith Perkins, leituras relativas à emergência, com significado religioso e social global, dos temas do casamento, da castidade e da morte<sup>14</sup>.

Substancialmente diferente é a posição de que a história de Tecla evoca um contexto histórico preciso. Não falamos evidentemente daquele contexto que, pese embora a sutileza do desenho, se adivinha, no modelo anterior, a

---

<sup>14</sup> Perkins, 1997, 247-260. A autora argumenta que os *Actos Apócrifos* exploram as convenções da literatura romanesca de forma a inverter os valores que normalmente lhe estão associados.

partir das conjecturas acerca do tempo em que os seus leitores/ouvintes se situam, ou seja, um tempo distanciado do século da prática apostólica. Falamos do contexto que situa os Actos no século I e que, conseqüentemente, faz deles textos produzidos nas mesmas circunstâncias culturais e intelectuais em que foram produzidos os textos canônicos.

A primeira proposta de que a história de Tecla teria como data de composição o século I é atribuída a W. M. Ramsay.<sup>15</sup> A posterior descoberta e estudo de uma edição copta por Carl Schmidt com os Actos completos de Paulo apoiou, no entanto, a constatação de que ambos os textos apresentavam uma uniformidade de estilo e de estrutura impeditiva de uma datação que não coincidissem com o século II. Além disso, os episódios dos *Acta Theclae* parecem não demonstrar, com limitadas exceções,<sup>16</sup> o conhecimento das estradas, costumes e figuras históricas do século I. Mas tal consideração não afastou definitivamente, entre a comunidade de especialistas, a possibilidade de que os *ATb*, embora cristalizados sob forma escrita apenas no século II, constituíssem uma actualização de tradições orais desenvolvidas no século I.

A consideração dos *Acta* como representações literárias de tradições orais anteriores, cuja unidade teria dependido da sua transmissão de geração em geração, levou a dois entendimentos distintos: o primeiro, defende que os *ATb*, porquanto representativos dos interesses de leitores cristãos não sofisticados, desejosos de ouvirem histórias do poder do seu Deus e das aventuras dos cristãos lendários do passado, teriam sido dirigidos não pela intenção de executar um programa teológico explícito,<sup>17</sup> mas por intenções pragmáticas, que visavam entreter, educar, edificar e disseminar a mensagem da abstinência sexual como um traço essencial – ou até como o traço essencial – da mensagem cristã; o segundo, que conheceu grande desenvolvimento nos anos 70, condicionado pela perspectiva de que literatura tradicional desempenha uma função mediadora das oposições, de natureza social, moral e local entre o meio popular em que se desenvolvem e o *establishment* cultural, recuperou matérias para o debate como a do modelo de participação feminina na igreja das primeiras comunidades e a das tensões vividas no quadro da primitiva institucionalização da igreja.

Entre alguns estudos, o de Dennis Macdonald,<sup>18</sup> sustentado na ideia de que os textos têm origem em tradições orais, narradas por mulheres, considera que os *Actos de Tecla* reflectem as circunstâncias históricas de algumas comunidades em que as mulheres se converteram ao cristianismo. Nesse sentido, as referências

---

<sup>15</sup> Ramsay, 1911.

<sup>16</sup> Entre essas exceções encontram-se a presença de Trifena, familiar do imperador Cláudio, a estrada para Icónio e alguns elementos da descrição da cidade.

<sup>17</sup> Schneemelcher, Schäferdiek, 1965.

<sup>18</sup> MacDonald, 1983.

à actividade de Tecla, comissionada por Paulo, não só constituiriam elementos históricos, como atestavam que as mulheres na era apostólica partilhavam o ofício dos apóstolos. O argumento sustenta-se igualmente na consideração do autor de que as restrições da administração da igreja a homens, manifestas nas epístolas a Timóteo e a Tito, não são nem escritas por Paulo em 60, nem recolecções pseudoepigráficas das suas palavras, reconstituídas mais tarde, durante os anos 80, mas que, pelo contrário, foram escritas no século II para contrariar a aceitação da liderança das mulheres, visível nas epístolas mais antigas de Paulo, que as louvavam as pela sua dedicação à igreja e que são consistentes com a liderança comissionada a Tecla<sup>19</sup>.

Outros estudos recentes<sup>20</sup> apresentam fortes evidências de que os *AA* se constituem como prova a existência comunidades de mulheres cristãs celibatárias nos primeiros séculos da tradição cristã, bem como que as comunidades de viúvas<sup>21</sup>, estabelecidas na era da actividade apostólica, poderiam ter preservado, em forma oral, histórias de relevância particular sobre o seu papel de mulheres cristãs<sup>22</sup>. Nesse sentido, os *Acta Theclae* reflectiriam o padrão dos contos tradicionais<sup>23</sup>, na medida em que a natureza exemplar das figuras femininas teria servido de modelo de comportamento aos membros das comunidades que produziram os textos. E o processo de sociabilização, encorajado pelas histórias, conferiria ajuda às mulheres no tocante aos conflitos levantados pelas tentativas de se tornarem autónomas e de desenvolverem a espiritualidade<sup>24</sup>. E, note-se, o próprio texto dos *Acta Theclae* parece oferecer matéria probatória neste sentido, na medida em que o papel das mulheres é, quer colectivamente, quer individualmente, substantivo, não só no tocante ao desenrolar dos acontecimentos, como no tocante ao desenho emocional que à volta desses acontecimentos se vai avolumando. Além de defendida e acarinhada por Trifena, um grupo anónimo de mulheres condena o julgamento de Tecla, feito pelo governador (*ATh* 27: «Má sentença! Injusta sentença»); e quando é levada em cortejo, juntamente com as feras, as mulheres, acompanhadas pelos filhos, gritam: «Oh Deus! Nesta cidade, executa-se uma sentença ímpia» (*ATh* 28); e durante o confronto com as feras, gritam novamente, emulando um coro grego: «Pereça a cidade por causa desta impiedade! Aniquila-nos a todas, Procônsul! Triste espectáculo; malvada sentença!» (*ATh* 32), etc<sup>25</sup>.

<sup>19</sup> Vide Boughton, 1991, 369-370.

<sup>20</sup> Vide, entre outros, os estudos de Davies, 1980; e Burrus, 1987.

<sup>21</sup> Davies, 1980, 95-109, sustenta que a autora dos *Acta Theclae* seria uma mulher.

<sup>22</sup> Vide a discussão sobre as metodologias seguidas por estes estudos, de natureza feminista, em Matthews, 2001, 39-55.

<sup>23</sup> Burrus, 1987, estabelece, da comparação com narrativas semelhantes, um conjunto e sequência de motivos que atestam a possibilidade de existência de um background para uma história de natureza oral.

<sup>24</sup> Burrus, 1987, 81.

<sup>25</sup> Note-se igualmente o pendor 'feminino' da cena do cortejo, no qual, uma leoa lambe os pés

A actividade de missionação, autorizada por Paulo, e o auto-batismo atestariam, deste modo, de acordo com as interpretações historicistas da narrativa, que as mulheres nos tempos apostólicos partilhariam o ofício de ensinar, pregar e baptizar. E, nesse sentido, os esforços episcopais, feitos no século IV, para formalizar o cânone<sup>26</sup> representariam o culminar de um lento programa que excluiu todas as formas de revelação que não apoiassem a visão patriarcal e hierarquizada da sociedade e da igreja. Os *Actos de Tecla* constituiriam, deste modo, a prova da existência, na Igreja antiga, de duas linhas em competição relativamente à visão de Paulo sobre a mesma Igreja: uma, dada pelas epístolas canónicas; outra, dada pelos *Actos Apócrifos*. Nesse sentido, o *NT* não se constituiria como uma compilação de obras seleccionadas com base em critérios objectivos e uniformes, mas como a opção formalizada dos vencedores históricos<sup>27</sup>. No dizer de MacDonald, os *Acta Theclae* foram excluídos do *NT*,<sup>28</sup> porque o estabelecimento do *cânon*, no século IV, reflectiu as ideias de homens de uma posição social particular que erradicaram o ramo mais radical do legado Paulino em ordem a «to serve the needs of a church increasingly eager to gain social acceptability»<sup>29</sup>.

As posições de cepticismo em relação a este entendimento apoiam-se na ideia de que a existência pré-literária das histórias constitui um postulado não sustentado pela análise da relação entre as histórias e o seu contexto global, facto que impõe limites a uma reconstrução histórica das primeiras comunidades cristãs por intermédio dos *Actos de Tecla*. No entender de Boughton, as histórias de Paulo e Tecla evidenciam uma perspectiva cultural do século II, inconsistente com o pensamento e expressão do século I<sup>30</sup>. De

---

de Tecla. Mais tarde, na arena, a mesma leoa defende Tecla do ataque de um leão e de um urso.

<sup>26</sup> Vide Street, 1999.

<sup>27</sup> MacDonald, 1983, 88-90.

<sup>28</sup> Estas considerações levaram, por sua vez, ao problema da intertextualidade com os textos canónicos, sobretudo com os *Actos de Lucas*, que, segundo alguns autores, teriam fornecido o paradigma para os *Actos Apócrifos*: ambos os textos ilustram acções de pessoas proeminentes, apresentam elementos aretológicos; revelam um interesse geográfico/etnográfico na descrição dos *periodoi* das personagens e registam interesses religiosos (vide Schneemelcher, 1965, 152). Apesar de assumida esta relação, é, no entanto, consensual que os *Actos Apócrifos* teriam auferido de um desenvolvimento independente, visível no facto de a narrativa dos *AL* apresentar semelhanças com o discurso historiográfico, ao passo que os *Actos Apócrifos* se apresentam como claramente ficcionais. A ideia de que o autor dos *A. Apócrifos* conhecia a narrativa de Lucas gerou, entre outras, dois entendimentos significativos em abono da tese de competição subjacente aos textos: ou ao autor dos *AA* produziu um texto com o objectivo de dar sequência aos *AL*, ou o autor dos *AA* tencionou suplantar e corrigir e suplantar os *AL*, o que explica as diferenças teológicas e doutrinárias que deles se evidenciam (vide discussão desta controvérsia em Hills, 1997, 145-155).

<sup>29</sup> MacDonald, 1983, 89.

<sup>30</sup> Matthews, 2001, 43, observa, no entanto: «She [Boughton] dismisses as “feminist fantasy” the argument that the Thecla story indicates resistance to patriarchal order. Boughton’s pose as an objective historian disguises only thinly her confessional and apologetic approach to

igual forma, o ataque de Paulo aos adversários com frases aptas, as respostas favoráveis às preces que recebe e o facto de pregar uma mensagem simples, que ganha imediatamente conversões emocionais, parecem inconsistentes com as preocupações administrativas do seu apostolado, com o facto de os seus sermões envolverem uma exegese complexa da Lei e dos profetas e que contrastam com o desapontamento muitas vezes demonstrado nas suas *Epístolas*<sup>31</sup>. Além disso, elementos como o papel de Tecla na direcção espiritual de uma comunidade cristã, actividade que não indicia o desempenho de funções hierárquicas como a de bispo ou presbítero, estaria acomodado às funções que as hierarquias consideravam apropriadas às mulheres: «The service of women catechists and missionaries is alluded to in epistles formally accepted into the New Testament canon and has been institutionalized for centuries in the traditional apostolates of Roman Catholic and Anglican communities of celibate religious women». Deste modo, «Since nothing done by the Thecla character suggests leadership of the worshiping community or a position in the emerging hierarchy, the story of her adventures can hardly constitute a long-suppressed record of women exercising sacerdotal powers.»<sup>32</sup>

Também no tocante aos elementos conflituantes com a visão do mundo, expressa nos textos apostólicos, as motivações subjacentes à conversão e ao celibato (condição associada aos movimentos ascéticos heterodoxos) de Tecla não parecem estar associados à ideia de redenção, um elemento importante para a primeira geração de cristãos; pelo contrário, o texto parece indiciar e assumir que «Thecla's religiosity is based on attraction to Paul.»<sup>33</sup> No entanto, a dissociação que se verifica entre a recusa em aceitar o casamento e os elementos que poderiam atestar a sua ligação ao contexto apostólico (voto de pobreza, abnegação, devoção) não deixa de situar o comportamento de Tecla e os consequentes motivos accionais que, a partir dele, se desenvolvem, na esteira conceptual da tradição romanesca decorrente do romance helenístico e da forte presença de elementos estereotipados, com força de tradição, subjacentes à tessitura narrativa dos *Acta Theclae*.

Além disso, a discussão relativa a determinados elementos do texto tem recuperado o tema das heresias. Sem se inclinar, no entanto, para a consideração de que o texto contém um propósito doutrinal explícito de um movimento herético preciso, Boughton observa que o episódio de Tecla situa conceitos éticos e cosmológicos do Cristianismo, como a ressurreição, o baptismo e o celibato num contexto distinto dos escritos apostólicos.<sup>34</sup>

---

historical reconstruction. (...) Moreover, Boughton engages in the dubious methodological practice of faulting “unorthodox” second-century readers for having interpreted texts wrongly.»

<sup>31</sup> Boughton, 1991, 364.

<sup>32</sup> Boughton, 1991, 377.

<sup>33</sup> Boughton, 1991, 378.

<sup>34</sup> Vide nota 27.

Deste modo, o uso de um disfarce masculino por parte de Tecla ecoa a práxis das mulheres marcionitas<sup>35</sup> que usavam, por vezes, vestuário masculino para demonstrar superioridade em relação às preocupações mundanas relacionadas com a feminilidade<sup>36</sup>. Além disso, esta prática seria inaceitável para as populações familiarizados com a lei de Moisés ou com a *Primeira Epístola aos Coríntios* (11,4-16): «Todo o homem que reza ou profetiza, de cabeça coberta, desonra a sua cabeça. Mas toda a mulher que reza ou profetiza, de cabeça descoberta, desonra a sua cabeça; é como se estivesse com a cabeça rapada. Se a mulher não usa véu, mande cortar os cabelos! Mas se é vergonhoso para uma mulher cortar os cabelos ou rapar a cabeça, então cubra-se com um véu. O homem não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem. Pois não foi o homem que foi tirado da mulher, mas a mulher do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Por isso, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal da autoridade, por causa dos anjos. Todavia, nem a mulher é separável do homem, nem o homem da mulher, diante do Senhor. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo provém de Deus. Julgai por vós mesmos: será decoroso que a mulher reze a Deus de cabeça descoberta? E não é a própria natureza que vos ensina que é uma desonra para o homem trazer cabelos compridos ao passo que, para a mulher, deixá-los crescer é uma glória, porque a cabeleira lhe foi dada como um véu? Mas, se alguém quiser contestar, nós não temos esse costume, nem tão-pouco as igrejas de Deus.»

No entanto, como observa Castelli, esta tradição não deixa de conviver com a tradição em que «The notion of ascetic women evading their female nature arises in an interesting narrative motif which appears early in the tradition and remains a controversial sign of female renunciation and spirituality well into the ninth century—the motif of women cutting their hair or disguising themselves as monks. Thecla, who remains the model of virginity for generations of ascetic women, both cuts her hair and wears men’s clothing in the Acts of Paul and Thecla while, in other Apocryphal Acts, Mygdonia cuts her hair and Charitine wears men’s clothing. (...) Despite their function as a sign of renunciation and holiness, transvestism and hair cutting were not always lauded as a practice demonstrating piety. Jerome warns Eustochium against women who dress as men and the Council of Gangra in the mid-fourth century condemned ascetic women who, as a part of their rigorous renunciation, cut their hair and wore men’s clothing.»<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Vide Anson, 1974, 1-32.

<sup>36</sup> Boughton, 1991, 378.

<sup>37</sup> Castelli, 1986, 75-76, observa: «The notion of ascetic women evading their female nature arises in an interesting narrative motif which appears early in the tradition and remains a controversial sign of female renunciation and spirituality well into the ninth century—the motif of women cutting their hair or disguising themselves as monks. Thecla, who remains the model

Também o relato do auto-batismo, apresenta oscilações interpretativas que o situam entre «um acto de fé», que recompensa a coragem de Tecla, e resultado de uma mera ocorrência providencial, que implica uma visão deste sacramento como um rito de concedido apenas àqueles cujas conquistas foram além dos níveis normais de fé e virtude. Esse entendimento do batismo está igualmente em conformidade com a prática marcionita de baptizar apenas aqueles que renunciam ao casamento e que deram provas de uma iluminação espiritual que os marcou em virtude de actividade profética<sup>38</sup>.

De igual forma problemática é a presença de animais «milagrosos» na história. O episódio tem sido interpretado de formas distintas: por um lado, o facto de as leas (e contrariamente ao que sucede no *Livro de Daniel* em que os leões, apesar de não atacarem, não prestam homenagem ao profeta) resgatarem a heroína, com actos intencionais de devoção, poder ser visto como uma evocação de Cíbele, uma deusa assistida por leões e à qual se encontra associada uma cosmologia dualista, que tende a eliminar as distinções naturais entre homens e animais, homens e mulheres, etc., leva alguns autores a constatar que o episódio indicia a crença de que as distinções naturais são antitéticas em relação às intenções divinas<sup>39</sup>; por outro lado, o carácter milagroso do episódio não deixa de se constituir como legitimação do cristianismo e da autoridade dos seus convertidos: «During the Antioch episode the legitimacy of women's right to a certain form of autonomy, including the inviolability of women's bodies, is confirmed in the chain of miraculous events that result in women's victory over a host of "wild animals". Thecla/woman, "unbound" both from the things of the world and in the end from the apostle Paul, is set free and commissioned to pursue her apostolic activities. Therefore, the most important implication of the relation between women as both performers and beneficiaries of miracles and their position in the Christian community and society at large, is the validation of Thecla as a *doulè tou theou*, and thus of women's position of (apostolic) authority.»<sup>40</sup>

Do exposto facilmente se compreende que uma contextualização acurada do significado dos *Acta Theclae* não está isenta de problemas. As divergências de análise, no tocante a aspectos doutrinários, à data de composição, ao contexto histórico que lhe subjaz, são alguns dos indicadores

---

of virginity for generations of ascetic women, both cuts her hair and wears men's clothing in the Acts of Paul and Thecla while, in other Apocryphal Acts, Mygdonia cuts her hair and Charitine wears men's clothing. (...) Despite their function as a sign of renunciation and holiness, transvestism and hair cutting were not always lauded as a practice demonstrating piety. Jerome warns Eustochium against women who dress as men and the Council of Gangra in the mid-fourth century condemned ascetic women who, as a part of their rigorous renunciation, cut their hair and wore men's clothing.»

<sup>38</sup> Boughton, 1991, 378-379.

<sup>39</sup> Boughton, 1991, 380.

<sup>40</sup> Misset van de Weg, 2004, 51.

da complexidade dos elementos que se colocam ao estudo do texto – novos problemas que, em suma, recontextualizam a ambivalência com que foi recebido e que alimentou o debate, nos primeiros séculos do cristianismo, da ortodoxia com as heterodoxias que rejeitavam a autoridade episcopal e conciliar.

No entanto, o regresso à discussão sobre o género, poderá repor e criar algumas interrogações acerca da forma e da função destes *Acta*. Se Perry afasta a hipótese de uma mesma identidade de género entre romance grego e *Actos Apócrifos*<sup>41</sup>, não afasta, por outro lado, a ideia de que as hagiografias bizantinas se constituem herdeiras da primeira forma. Além disso, o reconhecimento de que as audiências do romance grego e destes apócrifos, quando não as mesmas, se encontravam marcadas por um *status* cultural semelhante, põe o problema da criação e recepção dos *AA* na perspectiva da recriação e da releitura: o recurso a uma ou mais formas literárias pré-existentes, nos *ATh*, poder-se-ia encontrar ao serviço de uma formalização discursiva, cujos temas, motivos, padrões narrativos, estados emocionais e culturais teriam sofrido um movimento de adequação ao novo centro ideológico e accional, que determinava o processamento do material narrativo em acomodação a novas condicionantes humanas e religiosas e que explicaria a «cristianização» dos padrões narrativos, das cenas típicas e das motivações das personagens. Considerados neste sentido, embora temporalmente muito distante da narrativa hagiográfica, importa salientar que os *Acta Theclae* evidenciam marcas de um potencial hagiográfico difícil de suprimir. O grau de exemplaridade de que se revestem, a concessão ao gosto popular, doutrinalmente imaturo, a repetição de elementos narrativos estereotipados, os objectivos de instruir e edificar, a componente retórica do discurso, que assenta na demonstração da santidade da personagem,<sup>42</sup> a conversão de vocabulário pagão, constituem marcas de uma proto-hagiografia ou, pelo menos, um conjunto significativo de elementos que viria a formar parte da estrutura central deste género. Além disso, se o pendor biografista, de influxo clássico, herdado pela hagiografia, assente nos segmentos «vida» e «morte» (assumidas como testemunho de coragem na defesa fé e dos princípios cristãos) dos primeiros mártires cristãos, rapidamente incorporou a necessidade do relato dos milagres operados em contexto *post mortem* – pois o martírio legitimava o Mártir na mesma proporção em que os milagres, operados pelo martirizado, caucionavam o seu culto e o seu carácter sagrado – curiosamente, a proliferação de lendas, que atestam a martirização de Tecla, não deixa de evidenciar uma acomodação a essa necessidade; uma necessidade sentida também no plano formal e institucional da Igreja no Oriente que fez com que Tecla se visse, por

---

<sup>41</sup> Perry, 1967, 85.

<sup>42</sup> Vide Sobral, 2005, 97-107.

intermédio dos seus teólogos, associada à ortodoxia e granjeasse expansões várias no tocante à sua vida e milagres<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> Hayne, 1994, 213, observa: «For these Cappadocian fathers Thecla was worthy of the highest praise, so it is not surprising that it was the east that produced the expanded Life and Miracles.»